



DE ONDE VEM A CALMA

Mostra exibe 55 obras daquele que ficou conhecido como "o pintor das garrafas". Em depoimento à **BRAVO!**, outro pintor, o brasileiro Paulo Pasta, explica por que o italiano **Giorgio Morandi** retrata, na verdade, o silêncio. [VER MAIS](#)



A primeira vez que tive um contato mais profundo com Giorgio Morandi (1890-1964) foi em um festival da coleção Gómino da Pinacoteca, publicada pela editora Nle 2. Eu estava com cerca de 18 anos. Olhei aqueles trabalhos e, de cara, me senti arrebatado. Queria ser pintor desde os 15, 14 anos e servia falar de Morandi, mas nunca havia me deparado com uma quantidade tãoável de imagens que me ajudassem a ter um entendimento maior de sua obra. Quando isso aconteceu, no fim da década de 1970, foi uma revelação.

Naquela época, eu havia acabado de chegar a São Paulo e estava estudando para o vestibular de arquitetura, mas já sabendo que cursaria artes plásticas. Lembro que pensava muito em Henri Matisse, em Paul Klee, o pintor paisagista, as terras mortas, as terras olímpicas de Paul Cézanne, outro pintor importante para mim. Foi quando fito uma série sobre cerâmica. A cidade onde nasci, Araraúba, no interior paulista, tem uma economia baseada na plantação de cacaos-de-açúcar e um cenário acalor transformado por essa monocultura. Virou um grande mosaico de plantas verdes, uma espécie de antipaisagem - uma coisa horrível do ponto de vista social, ambiental, mas muito interessante do ponto de vista plástico. Nesse momento, Morandi fez ainda mais sentido para mim. Atraía-me de imediato, mesmo que eu não conseguisse entendê-lo com exatidão - talvez justamente por isso. Hoje, associa tal fascínio à simplificação dos planos daquela paisagem, que encontrava não nas suas



pinturas. O primeiro impacto que Morandi me causou foi essencialmente plástico.

QUASE UM MILAGRE

Sempre me encontro a mim mesmo como ele encontrou o mundo ao redor, como manipulava o material, como conferia a tudo uma luz especial, que hoje chamamos de "luz morandi", uma luz leitosa, que levava os objetos de modo constante. Sua simplicidade resalta muito os detalhes, mas o que prevalece é uma espécie de sistema espacial. Depois de ser seduzido pela tranquilidade de Morandi, passei a observar seu vício silencioso, a "monomania", a insistência em tentar atingir o grande através do pequeno. Ele está, aparentemente, falando de basal, de comuni-

Na página ao lado e ao longo de muitas outras pintadas entre 1929 e 1955, "É como se as garrafas e os demais objetos fossem feitos de matéria aérea", observa Paulo Porto



Acima, Grande Rotunda-Morta com 11 Objetos em Um Círculo (1942) e, mais abaixo, Casa de Campagna em Brizzano (1929). "Morandi nasceu sempre representando um mundo quieto, realzado, discreto"

ção, mas essa faceta assume uma dimensão muito maior. Seu universo está embutido em calma. Está em suspensão.

Não demora para eu descobrir que o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo tinha na sua coleção duas naturezas mortas de Morandi. Então, sempre que podia, dava um jeito de ir até o museu e vê-las de perto. O momento em que mais me aproximei de Morandi, no entanto, foi quando comeci minha série das "velozas", em meados da década de 1990. Esse conjunto exibe um jogo de cores, uma permuta entre elas e o fundo da tela, que se relaciona com o trabalho do mestre italiano.

A PINTURA DE MORANDI PARECE FEITA DE POEIRA CÔSMICA. QUEM PROCURAR VIDA, PULSAÇÃO OU VIBRAÇÃO NELA PODE SE FRUSTRAR

Pode-se dizer que a influência de Morandi permeia toda minha trajetória. Considero essa pintura quase um milagre. E encargo-o como uma espécie de Deus por conseguir criar um sistema em que o que pinta encontra a idealização em como se pinta, privilégio exclusivo dos grandes.

CUBISMO E METAFÍSICA

Todavia, não é incómodo vermos Morandi ser influenciado ao entrosar-se de um artista que passou a vida pintando garrafas, bacia, pratos, não é justo nem verdadeiro. Ele produziu obras que respondem de maneira muito consistente a Giacomo, Pablo Picasso e Giorgio de Chirico. Na minha opinião, o espaço morandiano assimila e rebate todos esses legados. Com 30 anos, ele dá uma resposta à metafísica, filtrando-a no cubismo, nos objetos do dia a dia. A metafísica se encontra mesmo na base de seu trabalho: a construção de um mundo suspenso no tempo, a conexão entre o espaço e o tempo, como dizia o poeta francês René Char. Quando Morandi cria uma ambiguidade entre figura e fundo, entre o que está à frente da tela e o que está atrás, é com Picasso que dialoga.

A pintura de italiano, para mim, parece feita de poeira cósmica. O que sobra das coisas? Mineral, cinzas, ossos. Quando olho para um Morandi, sinto-me diante desse tipo de matéria. Quem for procurar vida, pulsação ou vibração nela pode se frustrar. Seu universo é desoladora. Ele só pintava flores de pano ou de papel, nunca naturais. O mundo de Morandi parece já ter morrido. É dessa forma que ele atinge a eternidade. Isso me usa como pura metafísica.

Vale destacar ainda que chamo de "ética morandiana". O que tentaria se vendia, não se vendia,



não se traduzia, não se permitia banalizar. Se observarmos atentamente sua obra, parece que ele estava sempre disposto a começar um trabalho para encontrar ou descobrir a mesma coisa. Morandi maltratava seus valores de modo constante, confirmava seu jeito de estar no mundo. E assim permaneceu. O que não significa que não haja variações e transformações em suas pinturas. Podemos agrupá-las em séries, identificar maneiras diferentes de pintar, períodos em que trabalhou mais com algumas cores do que com outras.

Sua influência sobre os artistas brasileiros é ampla. Hervé Camargo, Amílcar de Castro, Milton Dacosta, Eduardo Sued, Tonga, Waltercio Caldas,

Paulo Moreire e Sérgio Saver são alguns dos muitos que foram marcados pela maneira como a relação espacial se apresenta em Morandi, bem como pela sua construção pictórica. Para mim, ele continua a ser no "poema" uma virtude. Situa um universo próximo ao real, ressignificando-o no silêncio e na calma do mundo doméstico. ■

A EXPOSIÇÃO

Giorgio Morandi no Brasil. Fundação Herff Camargo (ex. Paulo Caetano, 2000, Paulo Siegel, 95, tel. 011-50/3247-8000). Alameda 24/2, de 3ª a dom., das 12h às 19h; 5ª, das 12h às 21h. Grátis.

Principes com Estrada Branca, de 1941.

"Devido ao momento dos seus trabalhos, essa síntese pictórica na qual os elementos se fundem ao redor dos árvores e da vegetação, a terra e as casas"